

16º COLE CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL

VI SEMINÁRIO EDUCAÇÃO POLÍTICAS PÚBLICAS E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – 10 A 13 DE JULHO DE 2007.

No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las

TÍTULO do Seminário: AS ARAPUCAS INVENTAM-SE, CONSTROEM-SE, PRODUZEM-SE E REPRODUZEM-SE. É preciso saber desarma-las?

Coordenadores: Shirley Silva (SME-CEPPPE/FEUSP) Jorge Márcio Pereira de Andrade (DEFNET)

Temáticas e indagações que estiveram em discussão em nosso Seminário:

- Nas mesas redondas dos dias 11 e 12 de julho, com boa participação e presença dos inscritos no Seminário, foram identificadas, denunciadas e apontadas às saídas para algumas armadilhas que são construídas, com nossas participações, individuais ou coletivas, bem algumas que reproduzimos em nossas práticas educacionais, em especial quando trabalhamos no campo das diferenças e da diversidade que são tema e realidade para a compreensão das deficiências e das pessoas com deficiência.
- Foram reafirmadas algumas indagações sobre atitudes e saídas para estas armadilhas ou refúgios que se alternam e se complementam nas práticas educacionais, tanto com as pessoas com deficiência como com todos os tipos de situações de marginalização, exclusão, segregação ou estigmatização.
- Os participantes da Mesa Redonda do dia 11 de julho, confirmaram a necessidade de se excluir as armadilhas e de incluir direitos, com uma busca, coletivizada e pública, de uma outra leitura da escola e processo que estamos chamando de inclusão escolar.
- Neste dia foram discutidas as relações entre as políticas públicas e a indispensável realização de direitos, em especial os direitos sociais, afirmando que sem a realização de políticas sociais estruturais, no campo da saúde, da educação, do transporte, do trabalho, da cultura e do lazer, como responsabilidade do Estado, a proteção e a efetivação dos Direitos Humanos é praticamente inviável ou impossível.
- Foram indicadas, ainda neste dia, algumas das muitas armadilhas a serem excluídas, a partir de uma constatação de que ocorrem alguns equívocos quando falamos de uma educação, que vêm sendo apregoada como uma educação para todos. Estes equívocos podem ser sintetizados como:

* a escola não pode ser o único espaço de formação dos sujeitos para a cidadania ativa e a educação em direitos humanos;

* a escola, tanto a regular como a especial, não podem ser transformadas em uma panacéia que “resolverá” graves problemas que afetam todo processo

educacional em acontecimento no nosso país, em especial a permanência das desigualdades sociais como base das dificuldades de acesso, permanência e sucesso nas escolas brasileiras.

* isto é reforçado pelas questões de acesso à educação, mais ainda para as pessoas com deficiência, que se encontra na dependência de ações que são essencialmente políticas.

* há uma relação direta do que se chama de exclusão social com os processos de desfiliação, afirmando-se que os processos excludentes, as questões éticas ligadas às injustiças e a dimensão subjetiva dos sofrimentos experimentados pelas pessoas com deficiência, assim como os demais cidadãos e cidadãs, fazem parte de um movimento de complementariedade, não de oposição, de um ciclo de inclusão e exclusão.

* disso decorre que este processo tem sido a base para uma manutenção das barreiras, das dificuldades de acesso e permanência nas escolas, que a chamada exclusão escolar tem relação direta com a exclusão social, afetando um direito humano essencial que é a educação.

* há uma justificação da permanência de programas estatais de inclusão escolar que necessitam estar sob a crítica e avaliação contínua de todos os atores e objetos de intervenção desses programas, buscando denunciar as armadilhas de processos de inclusão perversa, em que, nós, como sociedade, excluímos para depois incluir, gerando apenas dados estatísticos de quantos alunos com deficiência estão “dentro da escola”.

* reafirmada a necessidade de uma reação para que os direitos dos professores e dos alunos sejam respeitados, para que a valorização do ato educativo seja redimensionada dentro de um modelo neoliberal da educação pública.

* que precisamos indicar meios e ações criativas para que não nos tornemos meros reprodutores das armadilhas e ardis educacionais no campo do ensino-aprendizagem nesses tempos de hipercapitalismo e globalização.

Realizada uma ativa e produtiva mesa redonda com a discussão sobre os conceitos, preconceitos e dilemas que surgem com a interlocução dos Direitos Humanos e a Educação, apontando-se algumas armadilhas que podem surgir nas práticas e nas teorias sobre educação.

Foi apresentado para discussão o novo paradigma dos Direitos Humanos, tomando-se como exemplo a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada pela ONU em dezembro de 2007, assim como a CIF-2001, da OMS, que é a Classificação Internacional sobre Incapacidade, Funcionalidade e Saúde, que tem utilizado a concepção de um novo modelo social, que valoriza a condição humana de pessoas com deficiência com um novo olhar sobre sua saúde, definindo que deficiência não é doença, podendo ser parte ou uma expressão de uma condição de saúde.

Este novo olhar para as situações de deficiência, aliado a um olhar sobre sua condição ético-política, foi uma das tóricas dos palestrantes.

Indicada a armadilha de permanência de uma resistência à mudança dos paradigmas anteriores, tanto o biomédico assim seu antecessor que era o reabilitador, cujas visões e ações eram centradas numa conceituação de doença e de responsabilização dos sujeitos com deficiência por sua condição, ao contrário das afirmações atuais em que é a sociedade que incapacita seus cidadãos e cidadãs.

Apontadas duas importantes armadilhas que ocorrem, recorrentemente, quando trabalhamos a formação de valores éticos junto aos educadores:

a)- o risco de aceitação retórica geral para encobrir as divergências teóricas e programáticas, com discursos como o da ‘educação de qualidade’, que pode o do projeto de um Banco Mundial ou de uma Central Única, necessitando de um desarme dos meandros político-institucionais que geram estes discursos.

b)- o risco permanente de que as mudanças necessárias e os caminhos a trilhar sejam vistos como ‘novidades’ dos discursos educacionais, quando já trilhamos na história da filosofia e da ciências, ligadas à uma concepção de educação pública, laica e não-excludente, com base em princípios éticos e políticos, desde os tempo da Grécia antiga até a nossa atual pós-hiper-modernidade em acontecimento.

Para escapar dessas armadilhas foram apresentadas algumas as alternativas e respostas ao que chamamos de “hidra-armadilhas” (como referência ao mito da Hidra, a serpente de sete cabeças e a sua destruição pelo herói mítico Hércules), para a qual precisamos contar com parceiros e amigos ético-políticos implicados em seu combate, com o cultivo compartilhado de um modo de vida fundado em princípios éticos públicos, que por sua vez implica um desafio para todos no mundo contemporâneo: o ensino de princípios éticos estáveis em um mundo com problemas cambiantes, e diremos também mutantes...

QUANTO A UMA AVALIAÇÃO GERAL DAS COMUNICAÇÕES APRESENTADAS

Tivemos um total de 56 comunicações inscritas, de diferentes origens, com pesquisadores de diversas universidades, vindo de diferentes estados, com diferentes olhares e propostas de pesquisa, o que nos deu uma diversidade das trocas e das intensidades vivenciadas em cada um dos espaços de trocas de experiências.

Podemos dizer que a qualidade de todos os trabalhos foi excelente, com uma boa exposição de seus realizadores e responsáveis, que na sua maioria cumpriram todas as exigências e formalidades solicitadas para sua participação neste Congresso.

Podemos realçar possíveis critérios de avaliação deste Seminário com as procuras de trocas de informações e conhecimentos, que decorreram dos múltiplos e criativos encontros entre todos os participantes.

Estaremos intensificando os desdobramentos deste Seminário enviando aos seus participantes uma lista de todos os inscritos para que possam realizar virtualmente, através de contatos futuros, via e-mail, uma extensão dessas trocas que iniciaram no evento.

CAMPINAS 13 DE JULHO DE 2006